

ENSINAR PELA PESQUISA: A EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA E O PAPEL DO PROFESSOR-PESQUISADOR

André Quandt Klug*

Adriana Dal Molin**

Liz Cristiane Dias***

RESUMO

Este artigo aborda o tema da pesquisa em meio ao contexto escolar, discute-se a temática a partir da concepção do professor-pesquisador, bem como, da pesquisa entendida como metodologia de ensino, articulando tais concepções ao ensino de Geografia, partindo-se da concepção de Educação Geográfica. Neste sentido, tem-se como principal objetivo discutir o papel e a importância do chamado, professor-pesquisador no âmbito do Ensino de Geografia, advoga-se ao longo do texto, a ideia de que a atuação do professor-pesquisador, e o ensino pela pesquisa, potencializam o Ensino de Geografia pautado em uma concepção de Educação Geográfica. A metodologia utilizada para construção do texto compõe-se de uma revisão de literatura acerca das temáticas pertinentes. Desta forma, o texto está organizado em torno de três tópicos principais, a saber, primeiramente discute-se a questão do professor-pesquisador e o modo como a pesquisa potencializa seu fazer pedagógico, em um segundo momento, discute-se a concepção de Educação Geográfica, e por fim, busca-se relacionar a temática da pesquisa para com a efetivação da Geografia Escolar pautada na concepção de Educação Geográfica.

Palavras-chave: Ensino. Pesquisa. Geografia.

* Mestrando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pelotas (PPGeo/UFPel), Licenciado em Geografia (UFPel 2014), contato: andreqlug@gmail.com

** Mestranda em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pelotas (PPGeo/UFPel), Licenciada em Geografia pela (UFPel 2014), contato: adrianadalmolin@hotmail.com

*** Doutora em Ensino de Geografia (UNESP 2008), Mestre em Ensino de Geografia (UNESP 2003) e graduada em Geografia (UNESP 2000). Professora adjunto III do Instituto de Ciências Humanas/Departamento de Geografia da Universidade Federal de Pelotas/UFPel, contato: liz.dias@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

A temática que envolve ensino e pesquisa no contexto escolar vem sendo consideravelmente discutida no âmbito acadêmico, especialmente em meio ao contexto de formação de professores, bem como, no que se referem às possibilidades de qualificação da educação escolar básica, a partir desta perspectiva pedagógica que visa conciliar o ensino e a pesquisa por meio da atuação do chamado *professor-pesquisador*.

Neste sentido, destacam-se também as reflexões que se tem desenvolvido no âmbito a Geografia Escolar que permitem perceber um movimento de intensa renovação das concepções que orientam esta ciência e seu papel enquanto componente curricular da escola básica.

Desta forma, este artigo tem como principal objetivo discutir o papel e a importância do professor-pesquisador no âmbito da Geografia escolar. Advoga-se ao longo do texto, a ideia de que a atuação do professor-pesquisador, e o ensino pela pesquisa, coadunam para uma concepção de Educação Geográfica.

Nesta perspectiva, a metodologia utilizada na construção deste texto pode ser descrita como uma revisão de literatura em interfase com a reflexão teórica das temáticas supracitadas.

Assim sendo, o texto está articulado em torno de três grandes tópicos, que permitem o aprofundamento da temática. Primeiramente destaca-se a concepção do professor-pesquisador, bem como, o entendimento da pesquisa enquanto metodologia de ensino, e ainda as implicações pedagógicas da atuação docente pautada nesta perspectiva pedagógica.

Em um segundo momento, busca-se discutir a concepção de Educação Geográfica, ou seja, conceitua-se e discute-se tal temática no intuito de compreender e explicitar as concepções que orientam a ação docente em adequação a esta forma de conceber a disciplina de Geografia.

Por fim, o esforço reflexivo em torno das temáticas busca pôr em relevo a importância da interlocução entre o componente curricular Geografia e a atuação docente pautada na concepção do professor-pesquisador.

2 O PROFESSOR-PESQUISADOR: ENSINAR PELA PESQUISA UMA ALTERNATIVA METODOLÓGICA

Ensinar pela pesquisa e tornar-se um professor-pesquisador são faces distintas e ao mesmo tempo complementares de uma única concepção de ensino, que se revela de grande

importância na atuação docente e implica uma forma específica de conceber o aluno, o ensino, o aprendizado e o conhecimento.

Neste sentido, busca-se a seguir elucidar as concepções que orientam as práticas daqueles chamados professores-pesquisadores, que além de entender a pesquisa como um elemento necessário para a constante atualização das tarefas pedagógicas, percebem também o potencial de construir juntamente com alunos e alunas o conhecimento de forma significativa com ênfase nos processos que efetivam o ensino e aprendizagem.

Assim, inicialmente é importante considerar as implicações que caracterizam a atuação do professor-pesquisador, visto que a concepção de docência distingue-se consideravelmente daquelas apresentadas pelo chamado professor-tradicional. Perpassando não apenas as concepções e práticas dos professores, mas também, desta forma, revelando seu comprometimento ético e sua atuação política (DEMO, 1997).

Desta forma, cabe considerar que a prática docente revela um conjunto de ações que visam, portanto, ou a emancipação de alunos e alunas, ou apenas, que estes se tornem meros reprodutores de um conhecimento transmitido de forma linear que demanda memorização e/ou reprodução. Contrapondo desta forma a perspectiva enunciada por Demo na qual destaca que “o conhecer é a forma mais competente de intervir” e, portanto, o papel do professor enquanto mediador e responsável pela (re)construção do conhecimento carrega uma tarefa eminentemente política “que não aparece apenas na presença inevitável da ideologia, mas sobretudo no processo de formação do sujeito crítico e criativo, que encontra no conhecimento a arma mais potente de inovação” (1997, p. 7).

Desta forma, a tarefa de ensinar comporta diferentes caminhos e possibilidades, enquanto processo de formação/constituição de sujeitos ativos, ou seja, por meio da forma pela qual se ensina pode ser possível despertar atitude de passividade e reprodução frente ao conhecimento, ou, por outro lado, despertar a reflexão crítica e autônoma na (re)construção do conhecimento. Neste sentido, o papel do professor tende a ser determinante, visto que, potencializa formas de interação com o conhecimento.

Assim, o professor consciente de seu papel, apresenta ações propositivas na busca pela autonomia e por ferramentas necessárias para desenvolver a prática pedagógica que coaduna com o

[...] educador capaz de entender, explicar e tomar uma posição emancipadora frente às realidades limitantes do desenvolvimento humano, com clara percepção dos momentos históricos e políticos que se vive em uma sociedade que, a cada momento, nos surpreende com novos achados científicos, tecnológicos, artísticos e culturais em geral [...]. Este profissional

entende que a teoria e a prática caminham juntas em seu pensar e acionar, e que é capaz de organizar e reorganizar seu conhecimento da realidade, ao mesmo tempo, que procura ensinar pesquisando, isto é, refletindo, pensando e originando novas formas de conhecimento (TRIVIÑOS, BURIGO e COLAO, 2003, p. 36).

Desta forma, o professor-pesquisador assume o caráter de um profissional capaz de dirigir as tarefas e as situações de aprendizagem em sua sala de aula. Para Demo (1990), um dos grandes desafios deste profissional passa a ser a elaboração própria de suas aulas, que permite a construção de novos conhecimentos e rejeita a reprodução e a memorização como únicas formas de ensinar.

Neste sentido, cabe ainda considerar as palavras de Becker ao ressaltar que “o professor que não reduziu sua função às realizações de uma máquina de ensinar [...], constrói e reconstrói conhecimentos. É o que faz um pesquisador, pois um conhecimento nunca inicia do zero e nunca é levado a termo de forma definitiva” (2010, p. 13).

De acordo com Triviños, a atuação destes profissionais “se baseiam fundamentalmente num processo de ensinar pesquisando nossa realidade em suas diferentes facetas, em diversos níveis de profundidade, de quantidade e qualidade” (2003, p. 19).

Na perspectiva de Demo (1997), as tarefas do professor-pesquisador são bastante complexas e expõem cinco grandes desafios, a saber: (1) a necessidade de permanentemente reconstruir seu próprio projeto político pedagógico, (2) a tarefa de reconstruir textos científicos próprios, (3) a reconstrução de material didático próprio, (4) a inovação na sua prática didática, e por fim, (5) a recuperação constante da sua competência.

Os desafios acima destacados demandam constante ação reflexiva diante da prática e o entendimento do compromisso docente em consonância com as possibilidades de atuação. Também se encontra nas palavras de Silva um significado semelhante, cujas atribuições do professor-pesquisador, possam assim ser definidas:

Este docente vai procurar descobrir a realidade cognitiva do estudante, vai proporcionar maneiras pelas quais os alunos manifestem suas ideias sobre o mundo e vai procurar relacionar as experiências de vida com os conteúdos escolares [...] vai pesquisar o aluno e sua forma de aprender (SILVA, 2010, p. 63).

Para o autor supracitado, o professor-pesquisador é aquele, que não apenas cumpre uma tarefa *técnica* de ensinar, mas compreende as especificidades e o tempo dos processos de (re)construção do conhecimento, e tem assim na sua atuação a autonomia necessária para não

apenas aplicar métodos de ensino estanques , mas sim construí-los no dia-a-dia da sala de aula, de acordo com as necessidades apresentadas pela turma.

Desta forma, o professor pesquisador privilegia o processo pedagógico que põem em interação os saberes científicos e os saberes cotidianos de alunos e alunas. Além de ser conhecedor dos processos que permitem esta aproximação percebe e está atento a realidade, ao tempo, as facilidades e dificuldades de aprendizado de seus alunos e alunas e por intermédio deste conhecimento por eles (re)construído em interface à pesquisa e, desta forma, direciona melhor suas ações em sala de aula.

Pois, para Silva o professor-pesquisador

[...] será aquele que planeja, organiza, problematiza, orienta e procura, junto com o aluno o conhecimento novo. Não é o aluno que age sozinho, não é o professor que organiza tudo o que deve ser feito. É um processo que construtivo que vai se desdobrando na medida em que o aluno age, procura, descobre e o professor vai questionando, elaborando e cooperando de forma solidária (SILVA, 2010, p. 64).

Deste modo, Triviños mesmo considerando a complexidade da proposta defende o esforço por “[...] desterrar para sempre de nossas escolas a premência da repetição como um método de ensinar crianças e jovens”, o que se busca por meio desta proposta é “que o pensar torne-se uma atividade importante no processo educativo. E a pesquisa, que se nutre de perguntas sobre as coisas e os seres, cientificamente elaborada, chegue às escolas” (2003, p. 21).

Desta forma, entende-se por fim, que o professor-pesquisador tem como grande potencial a capacidade de desenvolver um processo de ensino e aprendizagem que fomente a curiosidade, a dúvida e a busca por saber mais e assim compreender as tramas e tessituras que produzem e reproduzem a realidade.

Neste sentido, concorda-se com Triviños (2003) a pesquisa está na base da constituição humana, ou seja, todos temos a potencialidade de realizá-la, no entanto, é o pesquisador quem a faz de forma sistemática. O que significa dizer que, ao tomar o ensino como pesquisa se está despertando uma dimensão intrínseca à forma de conhecer do próprio homem. Assim, quando se negligencia tal dimensão, a criança, ou jovem, passam a apenas repetir o que diz o professor, e não mais descobrir por si mesmos, o que torna o conhecimento menos significativo para estes alunos e alunas.

Desse modo, cabe considerar a definição de pesquisa proposta por Demo, ao destacar que esta “faz parte integrante de todo processo emancipatório, no qual se constrói o sujeito

histórico auto-suficiente, crítico e auto-crítico, participante, capaz de reagir contra a situação de objeto e de não cultivar os outros como objeto” (1990, p. 42).

Para o autor,

Pesquisa é processo que deve aparecer em todo trajeto educativo, como *princípio educativo* que é, na base de qualquer proposta emancipatória. Se educar é sobretudo motivar a criatividade do próprio educando, para que surja o novo mestre, jamais o discípulo, a atitude de pesquisa é parte intrínseca. Pesquisa toma aí contornos muito próprios e desafiadores, a começar pelo reconhecimento de que o melhor saber é aquele que sabe superar-se (DEMO, 1990, p. 16).

Assim, o desafio de ensinar por meio da pesquisa, exige necessariamente que o professor seja efetivamente um pesquisador. Deste modo, “quando falamos desenvolver no possível *ensino como pesquisa*, estamos oferecendo uma alternativa à ideia tradicional, ainda fundamentalmente dominante em nosso meio, do professor como transmissor do conhecimento e a aprendizagem como um processo de acumulação de informações” (TRIVIÑOS, BURIGO e COLAO, 2003, p. 33).

Não significa isto que exista uma prevalência do mundo da vida cotidiana sobre o mundo sistêmico na formação e atuação do professor-pesquisador, mas sim, que existe uma constante reflexão sobre a realidade específica que nos circunda e cria nossos próprios saberes, no intuito de por meio da pesquisa desenvolver no aluno as mesmas capacidades de investigação e interrogação acerca da realidade.

Cabe neste sentido, a importante reflexão deixada por Silva:

Atualmente, a pesquisa é entendida pela escola de maneira deformada. Normalmente, ela é apenas enquadrada nos velhos modelos pedagógicos que ainda são empregados, esvaziando seu sentido e sua contribuição às práticas escolares. Usando diferentes estratégias ou abordagens, esses modelos revelam ter algo em comum, que é desconsiderar a importância do exercício de um pensamento livre por parte do aluno (2010, p. 73).

Depreende-se assim, que para o autor é necessário ressignificar a concepção de pesquisa nas escolas, tendo em vista, uma proposta ancorada não nas práticas comumente adotadas que acabam revelando-se mera reprodução do conhecimento, - porém, apenas de outra forma denominadas - é necessário buscar o real significado da pesquisa, que enquanto realização do professor-pesquisador permite a ele a aproximação para com a realidade, a vida e ao cotidiano de seus alunos, enquanto que para os alunos que aprendem por meio da pesquisa, significa a possibilidade de (re)construir com autonomia, significado e criticidade os

saberes e conhecimentos necessários para uma postura autônoma e emancipatória no seu cotidiano.

Desta forma, concorda-se com Demo que destaca:

Pesquisa como diálogo é processo cotidiano, integrante do ritmo da vida, produto e motivo de interesses sociais em confronto, base da aprendizagem que não se restrinja a mera reprodução; na acepção mais simples, pode significar conhecer, saber, informar-se para sobreviver, para enfrentar a vida de modo consciente (1990, p. 42).

A pesquisa torna-se assim, uma forma de atualização constante, por meio do questionamento ao cotidiano, e nega a reprodução imitativa de um conhecimento hermético, acabado e estagnado, buscando na sua ressignificação constante a base para sua (re)construção, por parte, tanto do professor, quanto do aluno.

Portanto, o principal é motivar o aluno a pesquisa, para por meio de seu próprio questionamento chegar a elaboração própria, criando soluções criativas diante de problemas novos, visto que a pesquisa para Demo (1990) está na raiz da consciência crítica e questionadora, e é necessário que o aluno aprenda a prender, o que significa não apenas imitar, copiar, reproduzir, visto que a verdadeira aprendizagem é aquela construída com esforço individual próprio. Mas sim, valer-se da criatividade e da reflexão na elaboração de conhecimentos e saberes novos, empregados na compreensão do mundo real e concreto, permitindo, desta forma, ao aluno, movimentar-se com criticidade e autonomia em meio ao contexto social contemporâneo.

Neste sentido, considera-se a seguir o papel da Geografia em meio a esta discussão, visto que, esta ciência enquanto disciplina escolar desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da leitura e compreensão do mundo e da realidade dos alunos. Cabe, desta forma, discutir o papel do professor-pesquisador e da própria pesquisa em relação ao papel deste componente curricular.

3 A EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA: UMA POSSIBILIDADE PARA LEITURA E COMPREENSÃO DA REALIDADE

Buscou-se até então, elucidar ao longo do texto o papel e a importância da pesquisa, tanto no que se refere à atuação docente, como também metodologia de ensino. Desta forma, busca-se a seguir definir brevemente aquilo que entende-se por ser o papel da ciência geográfica enquanto componente curricular.

Para tanto, pauta-se a discussão em torno da concepção de Educação Geográfica, por tratar-se de uma concepção que permite a superação das características mais tradicionais da Geografia escolar, que é aquela, pela qual, ainda é muitas vezes entendida esta ciência no âmbito da escola.

A Geografia, em uma concepção mais tradicional, caracteriza-se na escola como aquela de caráter mnemônico, enfadonho e conteudista, na qual, o aluno é entendido como receptor do conhecimento e o professor seu transmissor, a Geografia apresenta-se nesta concepção como uma disciplina repleta de conteúdos, conceitos, classes, dados, mapas, etc.; sem que sejam pensadas as finalidades, ou mesmo a relevância destes conteúdos para os alunos, uma vez que, a eles cabe apenas a tarefa de memorizar e reproduzir tais conteúdos.

De diferente modo, a concepção de Educação Geográfica mostra-se como uma alternativa, não apenas conceitual, mas também procedimental, no que se refere à atuação do professor, visto que, permite a superação das características supradescritas.

Assim, cabe considerar, as palavras de Callai, que nos inquietam a reinterpretar o papel da Geografia escolar.

Refletir sobre a escola, ensino e conteúdo curricular escolar reporta a reconhecer que a configuração do mundo atual na sociedade da informação apresenta novas formas de compreender os tempos e os espaços sob o signo da globalização e requer, portanto, novas formas de considerar o ensino da Geografia (2011, p.18).

Para a autora, o contexto atual da sociedade demanda outra forma de pensar a Geografia escolar, visto que, tanto os saberes da própria ciência geográfica passam por um constante processo de ressignificação, e isto implica em uma constante busca por parte do professor, no intuito de acompanhar as mudanças da ciência em relação à sociedade. Neste sentido, o professor precisa estar atento, pois no advento da sociedade da informação são muitas as inter-relações da vida cotidiana que adentram no espaço escolar, e não raro, mesclam-se às práticas agregando novos elementos a cada dia, e para dar conta desta dinamicidade do mundo atual, é necessário também pensar em novas formas de ensinar, visto que, os modelos anteriores se tornam muitas vezes ineficazes.

Neste sentido, diversos autores têm trabalhado na perspectiva de repensar a Geografia escolar, propondo o enfrentamento às metodologias e práticas que coadunam com a perspectiva de conteúdo geográfico enfadonho, descritivo e desinteressante conforme apontam Callai (2011), Kaercher (1997, 2007, 2010 e 2011), Cavalcanti (2005, 2012 e 2013), entre outros.

Para Kaercher (2007), é necessário romper com a ideia de que a Geografia é uma disciplina enfadonha e restrita aos livros e ao discurso do professor, para a partir da superação, despertar o interesse dos alunos pela disciplina, conteúdos e temas que são caros a Geografia.

Da mesma forma Callai nos auxilia a compreender o que se espera dos conteúdos a partir de uma concepção de Educação Geográfica:

[...] procurar com que os alunos consigam fazer as suas aprendizagens tornando significativos para as suas vidas estes mesmos conteúdos. [...] procurar construir as ferramentas teóricas para entender o mundo e para as pessoas se entenderem como sujeitos nesse mundo, reconhecendo a espacialidade dos fenômenos sociais (2011, p. 15).

De forma semelhante, cabe considerar a contribuição trazida por Rego, que destaca a importância e “a possibilidade de transformar temas da vida em veículos para a compreensão do mundo”, que para o autor, deve ser “entendido não como um conjunto de coisas, mas como obra de criadores – sendo a compreensão sobre os criadores parte indelével da compreensão sobre a construção contínua da obra” (2007, p. 9).

Nesta mesma perspectiva, cabe também considerar a contribuição de Cavalcanti ao apontar que:

[...] o que se quer destacar aqui é a possibilidade, e a necessidade de, no ensino, se atentar para as diferentes experiências de vida entre os alunos, diferentes experiências espaciais, diferentes imaginários geográficos, diferentes lugares que vivenciam, e essas diferenças têm muitas explicações e podem advir de uma série de fatores, tais como: classe social, gênero, raça, etnia, sexualidade, religião, idade, linguagem, origem geográfica (2011, p.37).

Ou seja, para a autora é a partir das especificidades e do contexto no qual a trama da vida acontece que se apresentam as reais possibilidades de conferir significado aos conhecimentos geográficos, dito de outra forma, é necessário considerar estas especificidades e fazer da Geografia uma ferramenta de leitura e compreensão destas diferentes realidades, visto que, é somente a partir do emprego da Geografia na compreensão da realidade concreta, imediata e vivenciada pelos alunos que esta disciplina passa a ter importância, sentido e significado.

Ainda para Cavalcanti (2012), no cotidiano da escola existe uma série de práticas consolidadas e que exercem certo domínio nos processos de ensino aprendizagem. Mais especificamente em relação Geografia a autora destaca alguns pontos pertinentes, como o

professor que detém o saber, e esse predomina na exposição do conteúdo de forma que cabe ao aluno entender/absorver o que está preestabelecido, na maioria das vezes pela sequência proposta pelo livro didático.

Tais práticas se mostram contrárias a perspectiva que se tem apresentado, pois estão assentadas sobre pressupostos que desconsideram o contexto, as individualidades e até mesmo as “geografias” trazidas pelos alunos, de forma que, se faz necessário buscar alternativas que permitam e facilitem a ação de movimentar-se em meio a estas “geografias”, reordenando, problematizando e reconstruindo-as de forma mais elaborada. Entende-se que este é um processo que só vem a se realizar quando professor e aluno o fazem em conjunto.

Desta forma, os objetivos do professor e da própria disciplina de Geografia precisam estar em constante diálogo com a realidade concreta dos alunos de forma a propiciar a leitura de mundo, a compreensão da própria existência, ou seja, um movimento constante que eleve o aluno de mero expectador a protagonista no processo de ensino e aprendizagem.

Cabe ainda considerar, que para Castrogiovanni é fundamental a constantemente reflexão sobre “o que é e o que deve ser a ciência geográfica, não somente como ciência, mas também como prática escolar, prática de vida, prática que os alunos (nós!) praticam (mos)!” (2007, p. 43).

Neste sentido, conforme destacado pelo autor, este constante processo de busca e reflexão, permite, conforme intenção inicial do texto, aproximar as concepções de uma Educação Geográfica, daquelas enunciadas inicialmente acerca do professor-pesquisador e do papel da pesquisa no ensino, a esta relação dar-se-á atenção a seguir.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: A GEOGRAFIA POR MEIO DA PESQUISA

Diante do exposto até então, faz-se necessário elucidar de forma precisa o intento inicial deste texto, a saber, discutir o papel e a importância professor-pesquisador no âmbito da Geografia escolar, bem como, expor a ideia de que a atuação do professor-pesquisador e o ensino pela pesquisa, potencializam a Geografia escolar quando pautada na concepção de Educação Geográfica.

Neste sentido, cabe ainda considerar, que pelo elucidado ao longo do texto acerca do papel do professor-pesquisador, entende-se que quando este profissional atua na disciplina de Geografia, tem não apenas como campo de investigação a forma pela qual seus alunos aprendem, ou mesmo os melhores processo de ensino e ressalta-se que é de suma importância

que este professor venha a investigar também as “geografias” de seus alunos, suas vivências, seus lugares, os espaços que conhecem, ou seja, que lhe seja desperto também o interesse por conhecer o cotidiano, o lugar de vivência, etc.

É claro, que apenas considerar estes aspectos não basta, é necessário também, problematizar as vivências dos alunos, reordená-las e inter-relacioná-las em diferentes escalas geográficas e a partir daí (re)construir o conhecimento geográfico .

Neste sentido, a tarefa do professor-pesquisador encontra na pesquisa, enquanto metodologia de ensino, um importante instrumento para que o aluno possa tomar consciência da presença da Geografia no seu cotidiano. E assim olhar para o dia-a-dia com a interrogação do pesquisador, com o olhar crítico daquele que busca questionar a realidade, e por meio da curiosidade mover-se em direção ao conhecimento.

Neste sentido, conforme ressaltado anteriormente, a postura do professor-pesquisador, e a pesquisa como metodologia de ensino, são faces de uma mesma concepção teórico-metodológica, que mesmo em suas diferentes faces, mostram-se ao mesmo tempo distintas e complementares.

Por fim, cabe considerar a ideia apontada por Silva, ao destacar que “O professor-pesquisador se complementa na dinâmica do aluno-pesquisador, produzindo como síntese a liberdade do pensamento e uma nova dimensão do exercício da docência e da discência”. (2010, p. 73).

Destarte, a discussão proposta neste texto põe em relevo a importância do debate em torno destas ideias no intuito de aprofundar as discussões e reflexões em constante diálogo com a prática, o cotidiano das escolas e dos sujeitos que produzem e reproduzem a dinâmica social. De maneira a fomentar a atuação docente capaz de desprender-se das concepções tradicionais de ensino e lançar-se com criatividade e autonomia na tarefa de educar para a vida, despertando o interesse, o espírito curioso e investigativo frente à realidade de maneira a compreendê-la e porque não, transformá-la.

Por certo, a atuação docente a partir de tais premissas demanda a consciência crítica dos limites e desafios que estão postos não somente no espaço escolar, mas também na vida cotidiana de professores e professoras. Muitas vezes o profissional docente é idealizado e visualizado no espectro da escola. E isso de certa forma diminui as possibilidades de análise e interpretações, tendo em vista a complexidade de fatores que permeiam a docência, desde a visão de mundo, a postura filosófica, o contexto de formação inicial e continuada, as

perspectivas de vida e de sociedade. Obviamente que o espaço escolar institucionalizado é importante nesta discussão, porém, não deve ser tomado como limitador da prática docente.

Assim, ser um professor pesquisador em prol de uma geografia educadora demanda a reflexão e a autocrítica constante da prática e conseqüentemente anseia por espaços para dialogar com as “geografias” da gurizada, do jovem do adulto, dos professores, do Estado e as estabelecidas ou não pelos currículos.

Talvez os limites da perspectiva aqui apresentada – professor pesquisador e educação geográfica - sejam, em um primeiro momento, mais latentes que as possibilidades, porém e inegável a importância de pensar e agir em prol desta perspectiva ou de outras tantas que vislumbram a educação integral que tenha sentido e faça diferença na vida de brasileiros e brasileiras que têm o direito à educação de qualidade garantido constitucionalmente.

TEACHING BY THE RESEARCH: GEOGRAPHIC EDUCATION AND THE ROLE OF THE TEACHER-RESEARCHER

ABSTRACT

The present article approaches the issue of research through the school context. It is discussed the theme from the idea of the teacher-researcher, as well as research being understood as teaching methodology, linking these concepts to Geography teaching, starting from the idea of Geographic Education. In this sense there is, as the main objective to discuss, the role and importance of the call, a research professor in the Geography Teaching. It is presented, throughout the text, the idea that the role of the teacher-researcher, and teaching by the researches, improving the Geography Teaching guided by a conception of Geographic Education. The methodology used for the text construction consists of a literature review based on relevant issues. Thus, the text is organized around three main topics. First, it is discussed the issue of teacher-researcher and how research strengthens its pedagogical practice. Second, it is discussed the idea of Geographic Education. Finally, it is presented the importance of seeking to relate the theme of research towards the understanding of Geography at school based on the conception of Geographic Education.

Keywords: Education. Research. Geography.

REFERÊNCIAS

BECKER, Fernando. Ensino e pesquisa: qual a relação? In: BECKER, Fernando; e MARQUES, Tania Beatriz Iwasko. (orgs.) **Ser professor é ser pesquisador**. -2.ed.- Porto Alegre: Mediação, 2010.

CALLAI, Helena Copetti (Org.). **Educação Geográfica Reflexão e Prática**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Espaço Geográfico escola e seus Arredores. In: CALLAI, Helena Copetti. **Educação Geográfica Reflexão e Prática**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

_____. Para entender a necessidade de práticas prazerosa no ensino de geografia na pós-modernidade. In: REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; KAERCHER, Nestor André. (orgs.) **Geografia Práticas Pedagógicas para o Ensino Médio**. Porto Alegre: Artemed, 2007.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Os conteúdos Geográficos no Cotidiano da escola e a Meta de Formação de Conceitos. In: ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de; FERREIRA, Joseane Abílio de Souza. (org.) **Formação, Pesquisa e Práticas docentes: Reformas curriculares em Questão**. João Pessoa: Editora Mídia, 2013.

_____. Jovens escolares e suas praticas espaciais cotidianas; o que tem isso a ver com as tarefas de ensinar Geografia? In: CALLAI, Helena Copetti. **Educação Geográfica Reflexão e Prática**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

_____. **A Geografia Escolar e a Cidade ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana**. 3ª ed. Campinas, Papyrus. 2012.

DEMO, Pedro. **Pesquisa Princípio Científico e Educativo**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1990.

_____. **Educar Pela Pesquisa**. 2ª ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 1997.
KAERCHER, Nestor André. Práticas geográficas para ler pensar o mundo, converentendersar com o outro e entenderscobrir a si mesmo. In: REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; KAERCHER, Nestor André. (orgs.) **Geografia Práticas Pedagógicas para o Ensino Médio**. Porto Alegre: Artemed, 2007.

_____. **Desafios e utopias no Ensino de Geografia**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1997.
REGO, Nelson. Introdução. In: REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; KAERCHER, Nestor André. (orgs.) **Geografia Práticas Pedagógicas para o Ensino Médio**. Porto Alegre: Artemed, 2007.

SILVA, João Alberto da. O professor pesquisador e a liberdade do pensamento. In: BECKER, Fernando; e MARQUES, Tania Beatriz Iwasko. (orgs.) **Ser professor é ser pesquisador**. 2ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2010.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. BÚRIGO, Carla Cristina Dutra; COLAO, Magda Maria. A formação do educador como pesquisador. In: _____(Org.). **A formação do educador como pesquisador no MERCOSUL – CONE SUL**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.

Recebido para avaliação em 01/07/2015 e aceito para publicação em 12/11/2015.